

Aerinca conta história da residência médica do Instituto em livro

A Associação de Ex-residentes do INCA (Aerinca) lançou um livro que ajuda a contar a trajetória da residência médica da instituição, a mais antiga do País e que, em 2021, completou 70 anos de história. A publicação *A residência médica do Instituto Nacional de Câncer* foi escrita pela médica Eurídice Figueiredo, membro da Aerinca. Responsável por um dos prefácios da edição, a diretora-geral do Instituto, Ana Cristina Pinho, esteve presente no evento, na sede da associação, em 16 de abril.

“Todos nós temos amor pelo INCA e é isso que mantém a instituição como algo diferenciado. Essa sensação de pertencimento é muito importante, faz bem para as nossas vidas. O INCA é um selo de qualidade do profissional e precisamos lutar para que isso não se perca”, afirmou a diretora, também ex-residente do Instituto.



A autora Eurídice Figueiredo e Ana Cristina Pinho no lançamento da publicação

O livro chega no ano em que o INCA formou o residente de número 2 mil. A obra reúne fotos e informações sobre as turmas que passaram pelo Instituto e foi concebida como uma oportunidade para os residentes revisitarem o passado. “Há um ano, comecei a catalogar material e trabalhar nesse projeto. Quando chegou a pandemia, colhi dados com a Coordenação de Ensino e comecei a formular o livro”, contou Eurídice.

Outros colegas ajudaram a custear a publicação. “Todos para quem eu liguei nos ajudaram. O ex-residente quer conhecer a história da sua permanência nessa casa”, analisou a autora no lançamento, que também contou com a presença do coordenador de Ensino do INCA, Gustavo Mello.

Para mais informações sobre o livro, que já está à venda, o contato com a Aerinca pode ser feito pelo [site www.aerinca.org.br](http://www.aerinca.org.br).

Simpósio internacional debate pesquisas em Fononcologia

Profissionais do Brasil e do exterior participaram do 2º Simpósio Internacional de Fononcologia, promovido pelo INCA, em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade de Brasília (UnB). O encontro foi realizado em formato virtual de 5 a 9 de abril, com o objetivo de divulgar e incentivar as pesquisas sobre tumores que afetam cabeça e pescoço.

A responsável pela área de Fonoaudiologia do Laboratório Interdisciplinar de Cabeça e Pescoço do Instituto, Andressa Freitas, comemorou a audiência do evento, que teve 9 mil acessos. “O simpósio foi criado com o objetivo de ser bianual e, com isso, compartilhar as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no laboratório. Pessoas de vários lugares do País acompanharam as transmissões, e ficamos muito felizes em poder trocar experiências”, afirmou.

O primeiro dia do evento teve como tema o câncer de tireoide. Em sua palestra, a chefe substituta da Seção de



Cirurgia de Cabeça e Pescoço do Instituto, Izabella Santos, uma das líderes do laboratório, abordou os avanços no tratamento da doença. Além disso, Rodrigo Dornelas, fonoaudiólogo da UFRJ, apresentou os dados sobre a evolução de vozes infantis, resultado da parceria de pesquisa entre a universidade e o INCA.

Nos outros dias do simpósio, foram discutidos diversos tópicos, como as sequelas da radioquimioterapia, com a fonoaudióloga Katherine Hutcheson, do Departamento de Cirurgia de Cabeça e Pescoço do MD Anderson Cancer Center, nos Estados Unidos, que destacou a toxicidade nos efeitos da deglutição após esse tratamento. Já a fonoaudióloga Barbara Messing, do Hospital Johns Hopkins, nos Estados Unidos, trouxe informações sobre a importância do fluxo dos atendimentos e da organização da equipe para a pesquisa científica. Kim Webster, também fonoaudióloga do Johns Hopkins, mostrou os desafios de lidar com a pandemia de Covid-19 sem interromper os tratamentos.